

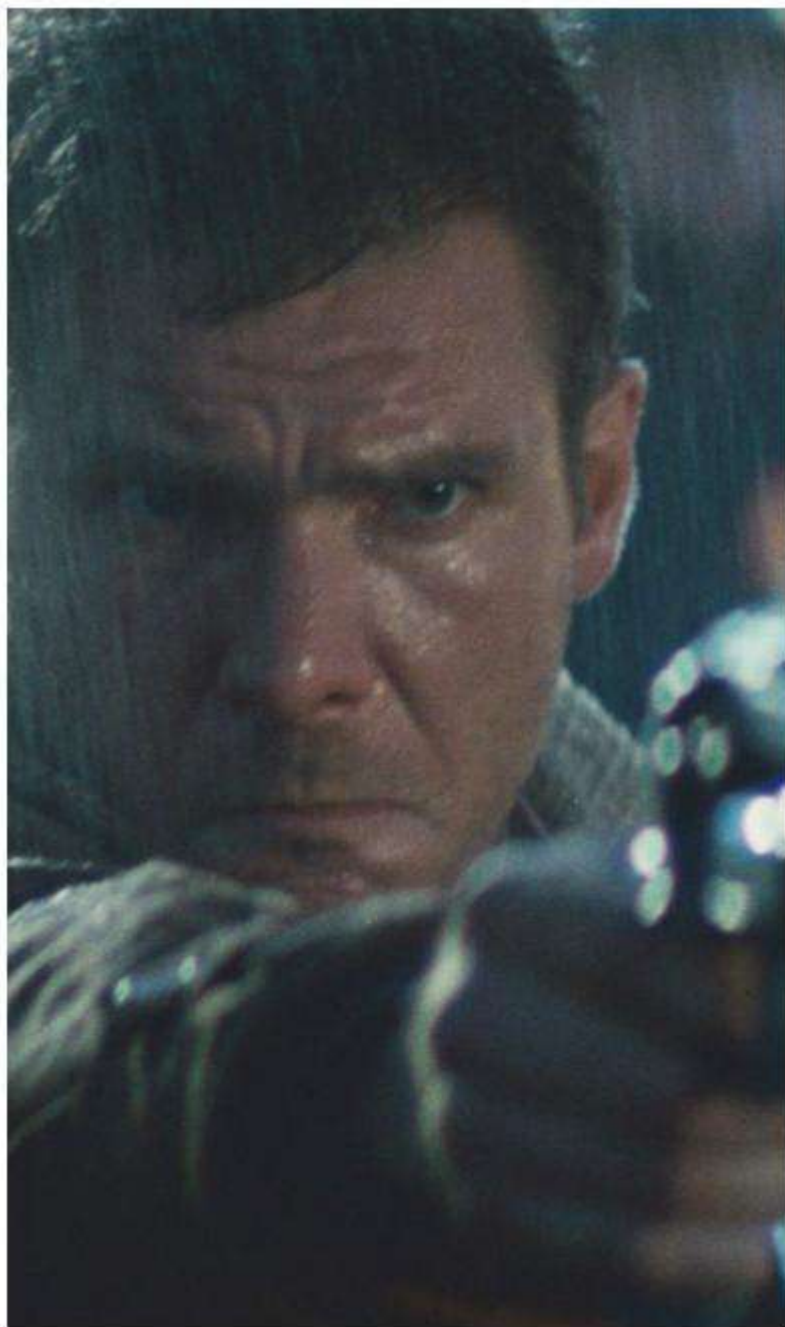
## Cinema e política juntos misturados na era Donald "Alien 4" Trump

FÁBIO DE OLIVEIRA RIBEIRO

SEG, 14/11/2016 - 15:58

ATUALIZADO EM 14/11/2016 - 16:00

*A civilização que mais produz, distribui e consome filmes como os que foram aqui analisados é a mesma que elegeu Donald Trump presidente*



14 de novembro de 2016. Acordo tarde, pego a Carta Capital deixada no gaveteiro ao lado da minha cama e abro a revista ao acaso. Leio o editorial, a entrevista de Celso Amorim e fragmentos de outras matérias. Na página 57 tropeço em três DVDs recomendados e começo a divagar.

Que unidade pode haver entre Blade Runner (1982), o Vingador do Futuro (1990) e Minority Report (2002)? Que filme eu poderia acrescentar a esta lista?

Em Blade Runner, o protagonista é um caçador de andróides. As vítimas dele sabem que são seres artificiais programados para morrer rapidamente e, num ato de desespero, voltam a Terra para conseguir mais tempo ou punir seus criadores. Rick Deckard se apaixona pela sobrinha do fabricante de andróides. Ela não sabe que também é um ser artificial e passa a suspeitar de sua humanidade depois que foi entrevistada pelo protagonista. A verdadeira natureza de Deckard é uma incógnita, mas ele rejeita o papel de caçador de andróides para salvar a mulher artificial que aprendeu a amar.

No filme o Vingador do Futuro todos os personagens são humanos, exceto o protagonista. Ele é humano demasiadamente humano. Após descobrir ser quem não é, Douglas Quaid vai a Marte resolver o mistério de sua identidade. Ele descobre que era um agente infiltrado e, obrigado a escolher entre sua identidade antiga e a nova e ele escolhe a nova para ficar com uma mulher que ama. Ele ajuda a resistência a destruir seu empregador e salva a colônia marciana ou estava apenas sentado na Recall fazendo uma viagem mental?

O protagonista de Minority Report é um policial encarregado de evitar que os crimes aconteçam. Apesar de sua aparente virtuosidade, John Anderton é um viciado assombrado pela morte do filho. Ao descobrir inconsistências no trabalho que realiza ele se vê obrigado a fugir. Instigado a cometer um crime ele escolhe poupar o suposto assassino do filho descobrindo duas coisas importantes: ele foi vítima do criador da agência criminal em que trabalha e a mesma opera com base em pressupostos equivocados.

O único filme que adicionarei a esta lista é Alien 4 (1997).

Ripley é clonada para ajudar a produzir uma rainha alien. O ser repulsivo cresce e coloca ovos que produzem seres que geram aliens nos hospedeiros contrabandeados para a nave-laboratório. Todavia, ao ser produzida junto com o clone humano a rainha alien também ganhou um útero e dá a luz a um novo tipo novo de monstro espacial. Ao longo do filme Ripley descobre quem foi a doadora do material genético usado na sua criação (uma mulher corajosa que matava aliens) e o que ela não é (um ser humano normal). A protagonista rejeita o papel que lhe foi imposto (a de mãe de uma nova raça de alienígenas) e ajuda a salvar os contrabandistas de seres humanos que serviram de hóspedes para a criação de novos aliens.

Estes quatro filmes em uma coisa em comum: em todos eles os protagonistas aprendem a conhecer quem eles eram e quem eles gostariam de ser através das escolhas que vão sendo obrigados a fazer. Conscientemente ou não Rick Deckard, Douglas Quaid, John Anderton e o clone Ripley rejeitam as realidades aparentes em que foram obrigados a viver. Eles evoluem à medida que deixam de ser meros instrumentos nas mãos daqueles que utilizavam suas habilidades para propósitos desumanos.

Na estrutura profunda de Blade Runner, Vingador do Futuro, Minority Report e Alien 4 encontramos o mesmo tema: a humanização através do autoconhecimento. Tema humano por excelência, o conhece-te a ti mesmo assombra a humanidade e a literatura desde que foi gravado em pedra no Oráculo de Delfos e passou a ser utilizado como fundamento filosófico por Sócrates.

Rick Deckard, Douglas Quaid, John Anderton e o clone Ripley quebram tabus. O protagonista de Blade Runner fica apaixonado pelo ser artificial que deveria matar. Para salvar a personalidade artificial que foi criada para ele, o herói de Vingador do Futuro mata o homem a quem servia fielmente quando era um agente secreto. O policial de Minority Report se recusa a ser um

criminoso e ajuda a destruir o programa em que trabalha ao descobrir que ele foi criado por um assassino. A clone de Alien 4 prefere salvar os seres humanos à preservar a nova espécie que ajudou a criar.

Sobre os tabus, diz Freud:

*“Sabemos, sem compreendê-lo, que a pessoa que faz algo proibido, que transgredir o tabu, se torna ela própria tabu. Mas como conciliamos esse fato com o fato de o tabu não aderir apenas a pessoa que fizeram algo proibido, mas também a pessoas que se encontram em estados especiais, a esses estados mesmos e a coisas impessoais? Que qualidade perigosa permanece sempre a mesma sob todas essas diferentes condições? Apenas esta: a aptidão para incitar a ambivalência do ser humano e levá-lo à tentação de transgredir o interdito.*

*A pessoa que transgrediu o tabu se torna ela própria tabu porque tem a perigosa aptidão de tentar outras pessoas a seguir seu exemplo. Ela desperta inveja; por que lhe deveria ser permitido o que às outras é proibido? Ela é, portanto, realmente contagiosa, na medida em que todo exemplo estimula a imitação, e, por isso, ela própria deve ser evitada.”* (Totem e Tabu, Sigmund Freud, L&PM editores, Porto Alegre, 2013, p. 75)

Apesar de violarem alguns tabus, Rick Deckard, Douglas Quaid, John Anderton e o clone Ripley não são contagiosos. As ações deles não podem ser reproduzidas por ninguém, pois o mundo em que eles vivem não tem qualquer semelhança com aquele em que nós vivemos. Os tabus que eles quebram só fazem sentido no mundo fictício em que eles se movimentam. Todavia, apesar da ausência de mimese (ou de uma mimese apenas aparente) somos levados a gostar destes personagens. Este é um fato importante geralmente ignorado por aqueles que assistem ou meditam sobre os filmes de ficção científica.

*“A mimese nos provoca uma abertura, e faz com que poupemos aquilo ao qual nos referimos, propiciando assim um desdobramento em si. No comportamento mimético está contida uma renúncia a um impor-se decidido que submete o ponto de referência da mimese à juízos pré-concebidos, posicionamentos e formas de comportamento. Ele exige a renúncia ao exercício do poder e a disposição de entrega ao estranho, deixando-se dominar por ele. O comportamento mimético não é analítico. Ele não pergunta como o mundo surgiu das ficções, o que ele significa e o que será dele. Ele contenta-se em se abrir para este mundo, repeti-lo e participar da sua formação. Ele ocorre independentemente de valorações éticas. Ele é pré-moral, podendo assim prejudicar de qualquer modo o sujeito e sua constituição social.”* (Mimese na Cultura, Günter Gebauer e Christoph Wulf, Annablume Editora, São Paulo, 2004, p. 95/96)

O ser humano ganha profundidade ou perde humanidade quando se coloca sob a influência de personagens de filmes como Blade Runner, Vingador do Futuro, Minority Report e Alien 4. Esta é uma pergunta difícil de responder. De qualquer forma, sabemos que:

*“O homem deveria ser a medida de tudo. De fato, ele é um estranho no mundo que criou. Não soube organizar este mundo para ele, porque não possuía um conhecimento positivo de sua própria natureza. O enorme avanço das ciências das coisas inanimadas em relação aos seres vivos é, portanto, um dos acontecimentos mais trágicos da história da humanidade. O meio construído pela nossa inteligência e pelas nossas intenções não se ajusta às nossas dimensões nem à nossa forma. Não nos serve. Sentimo-nos infelizes. Degeneramos moralmente e mentalmente. São precisamente os grupos e as nações em que a civilização industrial atingiu o apogeu que mais enfraquecem. Neles, o retorno à barbárie é mais rápido. Permanecem sem defesa perante o meio adverso que a ciência lhe forneceu. Na verdade, a nossa civilização, tal como as que a antecederam, criou condições em que, por razões que não conhecemos exactamente, a própria vida se torna impossível. A inquietação e a infelicidade dos habitantes da nova cidade tem origem nas instituições políticas, econômicas, e sociais, mas sobretudo na sua*

*própria degradação. São vítimas do atraso das ciências da vida em relação às da matéria.”* (O homem esse desconhecido, Alexis Carrel, publicações Europa-América, Portugal, 1989, p. 55). A civilização que mais produz, distribui e consome filmes como aqueles que foram aqui analisados é a mesma que elegeu Donald Trump presidente. Hillary Clinton, a outra opção supostamente viável fornecida ao eleitor norte-americano, não era muito melhor que seu adversário republicano. Isto talvez nos dê uma chave para avaliar com distanciamento a cultura etnológica “made in USA” e seu subproduto atual, o crescimento do fascismo na política norte-americana.

Infelizes e desligados da realidade humana, acostumados a consumir filmes em que os personagens quebram tabus em universos fictícios que não guardam qualquer relação mimética com a realidade, os norte-americanos degeneraram. Há alguns dias eles foram obrigados a escolher entre dois tipos de barbárie. Uma maioria silenciosa e resignada resolveu nem mesmo votar.

Se analisarmos com cuidado os discursos dos dois principais candidatos a presidência dos EUA encontraremos elementos dos filmes citados na Carta Capital. Donald Trump se apresentou como um caçador de estrangeiros, um duplo evidente do caçador de andróides Rick Deckard. Hillary Clinton oscilou entre querer punir nações que ainda não cometeram crimes como se fosse um John Anderton da política. Ambos discursaram como se estivessem falando para colonos dos EUA em Marte, pois se recusaram a discutir temas políticos realmente importantes para o cotidiano de 280 milhões de norte-americanos pobres (endividamento estudantil, poluição, gastos militares, etc...). Trump e Hillary parecem ter se esforçado bastante para compartilhar a principal característica do clone de Ripley: apesar do sangue ruim ambos desejavam submeter a Terra a uma nova experiência. Apertem os cintos, Donald “Alien-4” Trump vai aterrisar na Casa Branca.